



PALACIO DA GRANJA.

A VINTE leguas (\*) de distancia de Madrid, em sitio por extremo montuoso, a duas leguas de Segovia, havia antigamente um palacio, ou casa real de campo, chamada Valsain, recommendavel pelas mattas que occupavam esse districto, pela mór parte soutos e pinhaes, e outra espessura propria á creação da caça grossa, como veados, gamos, javardos, &c. que em todos os tempos, e então mais que presentemente, foi recreação de principes e senhores. Carlos 2.º frequentava muito este retiro; e n'um dia, ao voltar a Madrid, viu que ardia o palacio, e com effeito apesar dos soccorros com que lhe acudiram consumiu-se todo o lado do poente. A pouca distancia de Valsain tinham os frades jeronymos uma granja, que pelos reis catholicos lhes fóra dada depois da conquista de Granada, e cuja situação era mais adaptada a um palacio que a de Valsain.

Filippe 5.º gostou daquella fazenda e comprou o terreno aos religiosos, para construir a regia mansão campestre, denominada *real sitio de S. Ildefonso*, postoque de sua origem permaneça no vulgar o nome de *Granja*. — A muita distancia se avistam as serras; ao sahir de Segovia divisa-se o palacio, que é na apparencia de pouca importancia: porem logo que o caminhante se avizinha admira-se da vista picturesca da situação. Quizeram na architectura arremedar Versailles; mas o designio dessa primeira fabrica não lhe dava primor nem valia. Fernando 6.º edificou depois as galerias, os quartos principaes alto e baixo, e fez de novo a entrada principal. Carlos 3.º e seu successor ajuntaram outras obras, que melhoraram o edificio, ainda que no todo não ha a grandeza, que póde alguém esperar da famosa Granja, campo de tão notaveis acontecimentos politicos. Fóra de duvida que tem muitas accommodações para reaes personagens; mas o seu principal titulo á admiração dos curiosos entendedores consiste nas estatuas e pinturas; e ninguém pensará ao ver o mediocre aspecto da casa que dentro della existem obras de tanto preço. Os jardins são sumptuosos, todavia os economistas hespanhoes lastimam-se de que se consumissem nestas obras de puro recreio noventa milhões de cruzados,

(\*) A legua commum corresponde a 3:040 braças port.

carecendo o reino de estradas, da canalisação de rios, e de muitos trabalhos e estabelecimentos de summa importancia.

A custosa fabrica das fontes e jardins rematou-se no meado do seculo passado, sendo a cascata a parte mais distincta, o objecto principal em frente da real habitação. Havia um arroio de aguas crystallinas, que descendo da montanha serpeava no valle: converteram-no em um famoso canal desde a fonte de Andromeda até um tanque, a que pela nimia extensão chamam *o mar*, fortificado de mui grosso paredão, e com uma rua em todo o comprimento: delle se derivam as aguas por conductos de ferro fundido, de varios diametros, para as outras fontes. A riqueza da Granja está nestas obras hydraulicas; a profusão de esculpturas, a arte do engenheiro contribuíram para as fazer celebres.

AO CABO DE OITO ANNOS SÓ A NOVA DE QUE MORRERA.

[1621]

Aqui o apertar com novas penitencias, e bradar por misericordia.

Fr. Luiz de Sousa — *Hist. de S. Dom. L.º 2.º cap. 15.º*

I.

ERA um dia de maio, muito aprazível e todo tão formoso que parecia annunciar algum prodigio do céu. O ar limpo e sereno, os passarinhos cantando docemente ao longe entre os ramos vestidos de folhas, sobretudo a relva matizada de flôres, como um tapete de traça angelica desdobrado e estendido no chão, enfeitiçavam por tal arte os sentidos que a alma se ia toda apoz elles d'alegre e seduzida. Mas — quem o crêra! — no meio de tanto que para contentamento havia na terra, alguém chorava, e chorava torrentes, porque se ouvia o tom d'um sino a dobrar, que nunca bateu só ás portas do coração, mas sempre em companhia de lagrymas, e de quanto o homem tem de mais lastimoso e triste para exprimir a sua viva dôr. — Até o desaventu-

rado, para quem só houveram rostos carregados e ademanes de desprezo quando mostrava a sua grande mingoa estampada na face amarelenta e desfeita, e pedia uma migalha de pão para mantença; até esse, ao passar do leito da rua para a côva, amortalhado nos trapos do seu vestido, lá recebe algumas lagrymas de quem lhe reza um responso á borda da campa, ou de quem o cobre de punhados de terra — que é para muito doer, e até capaz de estalar uma pedra, tanto desamparo na vida e na morte!

E o tocar era para as bandas do Tejo traz a grande miuda d'um campanario, como voz de filha que já não tem mãe, e ajoelhada á porta da casa do Senhor escondeu a fronte na capa para melhor se carpir e desafogar. Passavam por alli homens, mulheres e meninos, ia e vinha muita gente, e ninguem fazia caso. — Era que o mundo os levava arrebatados no impeto da sua corrente sem lhes dar azo de atracar ao salgueiro da margem, e no parecer perdidos todos sem remedio. No entanto um bando de innocentes pombas, sumidas ao açor maldito, gemia sobre a companheira extincta que se fôra a ellas demandar abrigo e refugio consolador. «Tem a pelle pegada aos ossos!... foi martyr da penitencia!...» — assim diziam todas, e os olhos como fontes alagavam os tijolos.

## II.

Que solemne, terna e piedosa, é a mãe de todos no encommendar ao Altissimo o filho que lhe expirou nos braços, Ha nessas rogações do propheta, nesse dorido lastimar de Job, nessa toada funebre, tantas harmonias de consolação e dôr que o coração gotejando sangue adormece aos pés da cruz affogado por delicias do céu. — Por isso as lagrymas estancam.

N'um estrado humilde pousava o esquife; dentro um cadaver de mulher envolto em tunica pobre: um véu lhe cingia a cabeça, e descendo cobria-lhe com as pontas os hombros, peito, e quasi inteiro o rosto. Tinha as mãos erguidas e tão compostas como se estivera viva — tal era ainda a facilidade daquelles membros regelados para os habitos extinctos! — e seus labios, contrahidos docemente ao despedir a alma, sorriam para o alto, lá para onde ella seguira seu caminho direito. Duas alas de virgens amortalhadas de igual modo entoavam os canticos das rogações extremas, e nas pausas do alternar piedoso como que sentiam uns brados de ferro sahidos daquella bóca fria: «Irmaãs, apressai-vos em dar-me á terra, que haveis mister este leito despejado... talvez hoje...» E uma grita repentina nos degraus do throno em que está assentado o Juiz dos vivos e dos mortos: «Senhor, não me arguas no teu furor: nem me arrebrates na tua ira!... Eu lavarei todas as noites o meu leito, regarei o meu estrado com minhas lagrymas!... Ai de mim, Senhor, porque eu pequei muitissimo em minha vida: que farei, miseravel!...»

Sucedêra o silencio como um pezo que comprimindo o peito nem permite respirar. Sobre quatro hombros delicados, fracos, vai esse corpo que enleára pensamentos, e fôra encanto do mundo. Uma fonte lhe derribára quanto tinha de bello, mimoso e seductor; passaram-se annos, cahiu-lhe um raio no tronco, e veio-se desamparado tambem ao chão. Comtudo houve um tempo em que tão largo se estenderam seus ramos que mal cabiam no horisonte, e subiu tão alto que pareceu roçar as nuvens

com a cima — para agora caber n'uma côva de poucos palmos todo quebrado e desfeito!...

## III.

Pouco se lhe dá ao mundo dos successos occorridos fóra delle, e por isso raro gasta com elles sequer uma palavra, como a reputa mal empregada e perdida. Não se houve assim desta vez. A triste nova, que tão magoadas tinha no claustro aquellas carinhosas almas, escoára-se pelo ralo da portaria, e corrêra toda Lisboa. O povo chorava de ouvi-la ou contando-a: aos grandes acontecia outro tanto, e até no palacio do governo intruso se ouviram echos dessa voz mal-assombrada, que atravessando os arredores fôra ainda quebrar-se muito longe. O caso tudo pedia, e tanto que não é mais encarecer. Quasi estava cerrada uma cadêa de grandes acontecimentos de que era penultimo elo aquella morte: o outro, mettido em fragoa, não demoraria o remate — fallo d'outra vida cançada e gasta. — Sigamos porem a nova.

Á porta d'um convento fóra da capital um leigo recém-chegado sacudira a negra capa, e limpava o suor que lhe resvalava gota a gota pela cara abaixo. Caminho, sol rijo, bastante pressa... — descançava um instante á sombra respirando ar coberto na primeira entrada. Acabára comsigo tocar a sineta, deu alguns passos, e levando mão á cordinha, como sentiu dentro pés de quem se avisinhava, ficou suspenso á espera.

«Jesus-Christo em vossa guarda, irmão...» — disse outro leigo que desembocára ao portão interior.

«E livre a todo o fiel de tentações do demonio!» — atalhou o que entrava.

«Amen.» — responderam ambos a um tempo abaixando as cabeças.

«Que vai lá pela cidade?» — perguntou o primeiro interlocutor.

«Por ora... tudo como d'antes sem novidade de vulto — graças a Deus Nosso Senhor — tornou o outro — Traz-me aqui uma carta do reverendo frei prior para um religioso desta santa casa. — E mettendo a mão pela abertura lateral da tunica proseguiu. — Não me declarou o nome, e só que fizesse della entrega ao irmão porteiro, e tornasse sem mais detenções. Assim recebei-a, e ella vos dirá o que não sei.»

Cumprida sua missão se despediu o bom do leigo, escusando-se tomar alguma refeição que seu irmão lhe offerecêra com franqueza e boa sombra. O porteiro levára o sobrescripto aos olhos, lançou para dentro, e foi tirando ligeiro ao dormitorio. Escutou a uma portinha, sentiu roçar de penna que escrevia, e logo a meia voz proferiu o seu costume:

«Benedicite?»

«Abri, Fr. Antonio, abri.» — respondeu dentro uma voz socegada.

O leigo levantou o trinco, entrou e ficou-se esperando que o frade suspendesse e o fitasse.

«Perdoe vossa reverendissima vir interrompe-lo; mas um irmão leigo do convento de Lisboa trouxe esta carta do padre frei prior daquella casa — disse o leigo passando a carta ás mãos do frade. — Mesmo agora ahi vai elle, como não quiz resposta...»

«Bom.» — atalhou o frade com gestos de inteirado.

Significando seu respeito com uma profunda cortezia, sabiu o leigo cerrando outra vez a porta, e

murmurando baixinho: «Estava tão embebido naquellas santas escriptas! . . . bom padre — e de letras como nenhum em todo Portugal!» — O leigo não se enganava.

## IV.

De pé e tão venerando como a imagem d'um patriarcha se ficára o frade, cujos cabellos alvejavam com as neves de quasi setenta janceiros. Seu rosto era amavel e bem assombrado; via-se-lhe na fronte a luz do engenho; e dos olhos amortecidos lhe reflectia uma expressão de profunda melancholia que realçando a virtude de seu ar era como o claro-escuro daquelle quadro vivo. Vestia uma tunica remendada, e tudo mais ajustava com a pobreza em que vivia. Um crucifixo arvorado sobre uma pequena meza, junto um tinteiro e alguns papeis e pergaminhos desordenados: via-se tambem um banquinho, muitos livros pelo chão, e uma cama tão humilde e estreita como uma sepultura. — A tão pouco se tinha reduzido quem viveu na grandeza! assim era desarmado e fraco quem brandiu espada e lança como o mais cavalleiro! Tão desamparado e só quem contava ainda tantos parentes e tão achegados, tantos amigos e tão nobres, e de todos tão querido! — Altos juizos de Deus!

Estava — como disse — o frade em pé, afirmou-se no sobrescripto e leu: «Ao reverendo padre Fr. Luiz de Sousa, da ordem dos prégadores — no convento de — Bemfica.» Em seguida rompeu o fecho e começou: «Padre, a resignação no que a Providencia nos envia de suas mãos é uma das primeiras virtudes do christão. Sabei-lo, por quanto com ella vos tendes defendido dos grandes golpes que tem desfechado sobre vós. Apercebei-vos de tão forte escudo para novo desastre que eu nunca vos fizera saber, se a caridade não pedisse as vossas ardentes orações por quem se foi deste mundo. — Enterrou-se hoje Sor Magdalena . . . rogai pelo descanço da sua alma ao Todo Poderoso. . .»

Um tremor violento vibrou todos os nervos de Fr. Luiz de Sousa: cabiu-lhe o papel das mãos . . . estendeu os braços para a cruz, e com rosto enfiado e olhos de muita piedade exclamou profundamente sentido: «*Que uns vivam cheios de mimos e consolações do céu; outros andem sempre desconsolados, famintos, e desfavorecidos delle! . . .*» (\*) Aquelle corpo trabalhado da idade, e abatido por amarguras e penitencias, vergou convulso ao chão. Depois de curtos instantes proseguiu com voz de muita magoa: «Ha oito annos tão escondido para não ver a luz, e ella a passar-me por diante no momento de extinguir-se! . . . ha oito annos a curar as chagas do meu coração, e ellas cada vez mais profundas e rasgadas! . . .» Daquelles olhos, que mal podiam chorar de cançados, romperam rios de lagrymas! aquelle peito, que não podia gemer de rouco e desfallecido, expelliu um ai arrancado com força das entranhas! — Era a lucta do passado e do presente! era o homem que a dôr levava de rastos atravez do mundo! — Assomou-lhe o futuro, apontou-lhe para o inferno e para o céu! . . . ergueu-se com firmeza o sacerdote, lançou mão d'um supplicio, ajoelhou, rasgou as carnes, e apagou as lagrymas com sangue. Cingiu depois uma cadêa de ferro em volta do peito, que não tirou nunca, que lhe mordeu o coração por toda a vida.

Nuno Maria de Sousa Moura.

## DA PROBIDADE MORAL, MERCANTIL, E POLITICA.

[Fragmento].

CONTINUANDO em nossos estudos moraes e politicos procuraremos fixar a intelligencia das pessoas que não frequentam as aulas, nem fazem estudos regulares, sobre o sentido de certos termos de uso vulgar aliás importantes, a que nem sempre correspondem idéas claras e distinctas. Entre outras trataremos hoje da palavra — *probidade*.

Probidade póde definir-se: a observancia exacta e constante dos deveres da justiça e moral.

Homem de probidade, ou de honesto proceder, é aquelle que não só não faz mal a ninguem, mas presta positivamente todos os serviços ou beneficios que póde, tanto ao seu semelhante ou á humanidade em geral, como ao seu proximo em particular.

A probidade diz-se moral, mercantil, ou politica, segundo o seu objecto, e os motivos que a determinam.

A probidade moral, ou probidade por excellencia, é o regular e sincero procedimento do homem de bem, fundado no dictame da sua consciencia e no amor do bem geral.

A probidade mercantil é o procedimento exacto e pontual do artifice ou fabricante, do cultivador, do homem que compra ou vende, do agente de qualquer ramo de industria, e finalmente do funcionario publico determinado pelo amor do lucro ou interesse material, afim de obter o credito e as vantagens que dahi se promettem.

A probidade politica é o procedimento regular e exacto do cidadão e do funcionario publico na observancia das leis sociaes, afim de obter a estima da opinião publica na sociedade aonde reside.

Só merece propriamente o nome e qualificação de homem de bem, honesto, ou de probidade, aquelle individuo que cumpre fielmente os deveres da justiça e da moral universal, por effeito do seu bom character, por motivos de consciencia, por amor da ordem e do bem geral, e não por amor de dinheiro ou interesse mercantil, nem por ambição, amor do poder, ou qualquer consideração politica.

O premio que mesmo nesta vida compete ao homem de bem, honesto, probo ou moral [porque tudo são synonymos] é a approvação e testemunho da sua consciencia, a paz e a satisfação interior, a boa reputação, e a estima das pessoas de bem que o conhecem, e finalmente a esperanza da vida eterna, ou bemaventurança, fundada na convicção da immortalidade d'alma, e da infinita bondade do Creador.

O homem immoral ou sem probidade apenas commette qualquer acção contraria ao seu dever é logo castigado pelo remorso. Tarde ou cedo a sua culpa faz-se conhecida, e então segue-se-lhe tambem a deshonna, que é uma pena immediata que se accumula á primeira.

Chama-se remorso aquella accusação que nos faz a nossa consciencia pelas acções immorales que havemos praticado com conhecimento de causa, accusação que nos persegue em quanto vivemos.

A deshonna ou vergonha é a reprovação e desprezo das auctoridades constituídas ou das pessoas de bem, logo que lhes consta que o nosso procedimento não foi conforme ás regras da honestidade ou da probidade moral.

O remorso e a deshonna ou vergonha são os castigos mais temiveis e as maiores desgraças que po-

(\*) Fr. Luiz de Sousa. — Hist. de S. Dom. L.º 1.º cap. 28.º

dem acontecer ao homem nesta vida. Estas penas são mais terríveis que as determinadas pelas leis sociais, por serem mais certas, dolorosas e permanentes.

O homem honesto ou de probidade por mais pobre que seja, e por menos consideração politica de que goze, sempre vive contente e tranquillo, porque espera e confia na Providencia divina que nunca desampara nenhuma de suas creaturas; e porque não soffre os remorsos, que é o maior de todos os males moraes; e goza da estima das pessoas de bem, que depois do testemunho da consciencia é o maior dos bens.

Pelo contrario o homem immoral ou sem probidade por mais rico e poderoso que seja, vive sempre inquieto e atormentado pelo remorso, e é aborrecido e desprezado pelos homens de verdadeira probidade moral, os quaes, postoque em pequeno numero, todavia os seus testemunhos justos e sinceros são de muito maior valia do que esses applausos falsos e transitorios da massa do povo, a que se chama popularidade.

Por tanto é infiel á sua consciencia, insensato, e quasi louco, aquelle que deixa a estrada direita e segura da probidade moral pelo tortuoso e arriscado caminho do dinheiro mal adquirido, ou sordido interesse material; e bem assim errou o caminho e o calculo da verdadeira felicidade e gloria do mundo, a despeito de extraordinarios talentos e admiraveis combinações, aquelle que prefere essa probidade politica ou antes mercantil, mais brilhante do que solida, á probidade moral que é a ancora e a garantia mais segura assim da verdadeira felicidade do individuo, como da prosperidade social.

Em ultima analyse a razão e a virtude consistem na ponderação e no calculo das vantagens e dos inconvenientes que resultam das acções humanas. Acontece porem mui frequentemente que tanto a massa dos individuos a que se chama povo, como os moços inexperitos, ou pouco versados no calculo moral, trocam com estimação pueril o que é melhor pelo que mais se usa, ou é mais moda, e então preferem ser escravos, e dependentes do dinheiro e do poder, á nobre e solida independencia daquelles que estimam e apreciam mais que tudo a verdadeira probidade moral.

Filippe Ferreira de Araujo e Castro.

#### CULTURA DA VINHA.

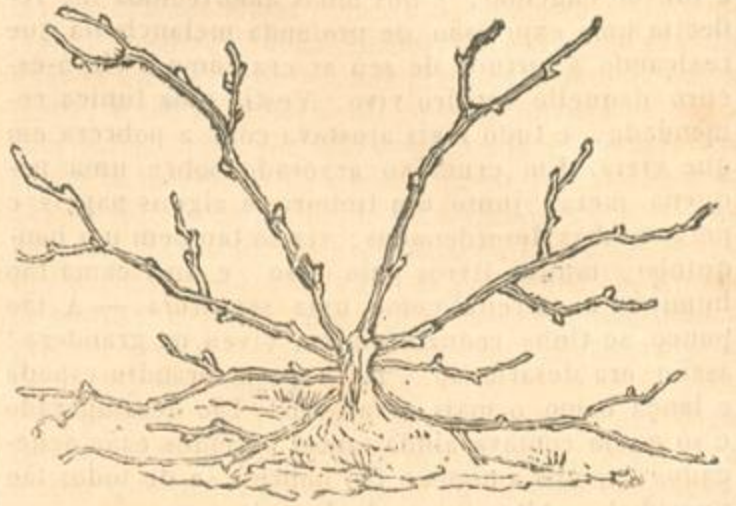
##### Da póda (\*).

Ao ignorante a póda não deixemos.  
MOZINHO. Georg. Portug. Cant. 4.º

As PÓDAS das videiras, de que vamos occupar-nos, não são mais que modificações das anteriores, e resultado necessario da diversidade de climas, terrenos, especies de plantas e idade das mesmas, exposição, e variações atmosphericas; pelo que convirá dividir todas as pódas em tres classes, *baixas, medianas e altas*.

A theoria do primeiro methodo consiste em manter as cêpas mui rasteiras para que os cachos proximos á terra achando-se n'uma atmosphaera mais quente amadureçam melhor e o çumo adquira qualidades mais espirituosas: para lograr este fim escolhem-se as especies de vides curtas, de cachos pe-

quenos e pouco fechados; tendo sido na plantação dispostos os bacellos a distancias calculadas segundo o crescimento annual das vides. Cada cêpa terá ao mais cinco troncos, e em cada um tres ou quatro sarmentos, segundo a idade e vigor e as circumstancias locaes. A cêpa ao sahir da terra lança as vides em rastões pelo chão. Esta vinha rasteira convem nas faldas dos montes e nos outeiros declives. Vid. estamp. immediata.



É preferida nos climas cálidos a póda em que só sahem as vides dos troncos mestres á altura de um ou tres pés, e se curvam para o chão formando abobada hemispherica, debaixo da qual os cachos se resguardam dos ardentes raios do sol, que tornariam os bagos em passas.



Ha uma disposição de videiras podadas, que tem por objecto reunir pelas pontas as varas de quatro cêpas vizinhas em forma de pyramide quadrangular: meio este que se emprega nos climas em que se necessita aproveitar todo o calor do sol, que é ahí naturalmente tibio, e para que os seus raios reflectindo na terra toquem com mais vigor toda a superficie da videira. A estampa mostra esta disposição.



(\*) Continuado de pag. 374.

IGREJA DE SANTA MARIA DO OLIVAL, MATRIZ DE TODAS AS OUTRAS IGREJAS DA ORDEM DE CHRISTO.

[Conclusão].

FALLAREMOS primeiro do logar dos moimentos e sepulturas anteriores ás reparações e construcções dos reis D. Manuel e D. João 3.º, e depois mencionaremos os demais que permaneceram alem dellas.

O 1.º, de que faz memoria o livro do Tombo, é o d'um neto d'elrei D. Diniz, filho bastardo de elrei D. Affonso 4.º chamado D. Lopo, que estava levantado n'uma capella mandada fazer expressamente para seu jazigo, a qual se demoliu para se construir a sacristia actual. = Tinha o busto de pedra sobre a campa; e accrescenta que ahi mesmo estava outro moimento, de que mais nada se sabia. Estes dois monumentos desapareceram. = Causou-nos grande estranheza esta novidade d'um filho natural daquelle soberano, que nenhuns teve: e até o chronista Brandão o defende da imputação injusta d'haver tido uma filha tambem natural que alguem lhe attribuiu. Ora, estamos persuadidos que isto foi uma tradição erronea; e que o tal D. Lopo não era senão o setimo mestre da ordem do templo, D. Fr. Lopo Fernandes, o que morreu ao lado d'elrei D. Sancho n'uma entrada que este fez no reino de Leão, que foi mandado conduzir e depositar honradamente pelo mesmo soberano em St.ª Maria do Olival. Serviu-nos felizmente a tradição errada do Tombo para verificarmos esta curiosidade.

2.º Na mesma igreja junto á capella de S. Braz e entre esta capella e a porta travessa estava o tumulo do terceiro mestre do templo, D. Martim Gonçalves. Ainda aqui padeceu equivocação o auctor do Tombo, chamando-lhe segundo mestre, que não foi este, mas sim D. João Lourenço.

3.º e 4.º = Ahi desse mesmo lado estavam os tumulos, diz o Tombo, do quarto mestre D. Estevão Gonçalves, e do quinto D. Rodrigo Annes. = Nós não encontrámos estes nomes escriptos como aqui estão no catalogo muito apurado que á vista do cartorio de Thomar fez o A. do Elucidario. Este menciona D. Estevão de Belmonte decimo-quarto mestre da ordem do templo, que talvez fosse o mesmo D. Estevão Gonçalves; e no mesmo catalogo vem a n.º 17 o mestre D. Rodrigo Dias, que é possível seja o mesmo Rodrigo Annes.

5.º e 6.º = Dentro da mesma igreja, encostados á parede do lado do sul, estavam os dois ultimos mestres do templo, D. Gualdim Paes e D. Lourenço Martins: cujos tumulos se demoliram e passaram os ossos para a segunda das novas capellas desse lado em tempos d'elrei D. João 3.º; e ahi no primeiro dos dois se lhe pôz então o epitaphio = *obiit frater Gualdinus magister militum templi Portugalis, era milesima ducentesima trigesima tertia, tertio Idus Octobris Hic Castra Tomaris cum multis aliis populavit requiescat in pace.* = No segundo uma inscripção em vulgar dizia que D. Lourenço Martins se passára em maio de 1345. = Muitas inexatidões se acham reunidas nesta noticia do Tombo: porque nem estes foram os ultimos mestres do templo em Portugal, nem o mestre D. Lourenço Martins podia avançar até á data em que se diz fallecera, pois já então não havia templarios. D. Gualdim foi o sexto na ordem dos mestres, e D. Lourenço foi o vigesimo-setimo que falleceu, commendador de Santarem, em 1308, havendo renunciado

o mestrado em D. Vasco Fernandes. As reliquias destes dois mestres se passaram á capella de S. Bartholomeu, hoje existente; mas fazendo nós diligencias por descobrir algum vestigio dellas, nada encontrámos.

7.º e 8.º = Á entrada da igreja da parte esquerda estavam dois moimentos sem imagens nas campas, que diziam terem sido dos *Tamarães*, que foram ricos-homens, e deixaram grandes bens a esta igreja. = Até aqui a succinta noticia do Tombo nesta parte. Nós tivemos a fortuna de decifrar este enigma. No catalogo dos mestres do templo achámos que o vigesimo-setimo na ordem destes D. Lourenço Martins figurava no anno de 1293 no mez de junho, em a instituição da capella dos *Tamarães*, dita assim porque neste logar de Tamarel, no termo d'Ourem, principalmente a dotou com muitas fazendas D. Martim Gil, amo do infante D. Affonso, e mordomo da rainha St.ª Isabel. Esta capella tem hoje o titulo de S. Bartholomeu, apesar de ser a mente do instituidor fosse intitulada de S. Martinho. Temos por tanto achado a familia a que se refere o *Tamarães*. Este nome não designa linhagem, antes sim a localidade dos bens consignados para a instituição e manutenção da capella. D. Martim Gil foi, não só rico-homem, mas conde de Neiva, personagem importantissima da cõrte d'elrei D. Diniz, riquissimo como o provam, alem de suas grandes possessões, o haver comprado a sua sobrinha D. Bataça uma boa parte da herança de seu marido, Martim Annes de Soverosa, por vinte mil maravedís brancos, como traz Brandão na 5.ª P.º da Monarch. Lusit. L.º 17 cap. 29. De crer é que o conde D. Martim Gil instituirá ahi capella para seu jazigo, e para os sufragios pios costumados naquella idade. As sepulturas, por tanto, dos *Tamarães* eram a do mesmo conde e d'algum de seus successores ou parentes.

*Prerogativas da igreja de St.ª Maria do Olival; e do livro dos seus annaes que ahi existia.*

Esta igreja era considerada como uma das cathedraes do reino: nella havia o bastão ou sceptro do masseiro, e as massas de prata que são distinctivo das sés episcopaes. Bailiá e matriz de todas as igrejas da ordem e cavallaria de N. S. Jesus Christo, a ella estavam sujeitas e subordinadas todas as igrejas da ordem no reino e conquistas; e a ella só era superior o papa. O seu prior tinha poder quasi episcopal; e todas as igrejas de Thomar eram só capellas filiaes della; e o seu vigario, parochio de todas, pondo ahi um cura amovivel. O prior ou vigario com os seus clerigos freires ahi rezavam em cõro, e faziam capitulo como nas demais cathedraes do reino. Pela reforma praticada em tempos d'elrei D. João 3.º, em que os cavalleiros clerigos e freires foram reduzidos á clausura e regularidade claustral, a igreja de St.ª Maria declinou muito de seu esplendor antigo, porque os freires, residindo forçosamente no convento de Christo, ahi celebraram os officios divinos na sua igreja, construida por elrei D. Manuel; e a de St.ª Maria ficou reduzida a vigairaria, postoque sempre considerada como cabeça e matriz de todas as da ordem.

A curiosidade d'haver ahi um livro d'annaes, como o de Noa de Santa Cruz de Coimbra, nos faz deplorar a sua perda total. Diz o Tombo: = Tinha esta igreja um livro chamado *Beserro*, em que se escreviam, alem d'outras cousas, a canonisação dos

santos que foram do bispado [talvez quizesse dizer da prelasia]; — as victorias alcançadas sobre os infieis, os terremotos, tempestades, submersão d'ilhas; — estavam nelle escriptas as batalhas dadas na recuperação das Hespanhas, as quaes se liam e commemoravam em córo nos dias proprios; — estava a vida de St.<sup>o</sup> Iria, &c. Constava delle que o ouvidor Bartholomeu de Seabra o mandára encadernar. Mas este livro perdeu-se. =

Nossos leitores que houverem lido a memoria sobre o convento de Christo em Thomar, publicada em alguns n.<sup>os</sup> do Panorama, folgarão sem duvida d'encontrar nestas noticias ácerca da igreja de St.<sup>o</sup> Maria do Olival o complemento do resumo historico daquella grande casa.

J. da C. N. C.

### ECONOMIA DOMESTICA.

#### NUTRIÇÃO DOS ANIMAES : VANTAGENS DOS ALIMENTOS FERMENTADOS OU COSIDOS SOBRE OS ALIMENTOS CRÚS.

AS NECESSIDADES facticias e de convenção, nossos usos actuaes de commodidade e de luxo, o amor do lucro que tem desenvolvido as tentativas e experiencias das artes mechanicas, a extensão dada á industria e ao commercio, e o adiantamento dos conhecimentos chymicos tem feito descobrir methodos e processos novos mui superiores aos antigos. Com effeito nesta parte ha real e verdadeiramente progresso. O homem, naturalmente habitual e rotineiro, precisava d'estimulos que excitassem sua intelligencia e applicação: as relações sociaes, a necessidade de manter-se e equilibrar-se, ao menos, no circulo de sua classe e posição, vieram obriga-lo a reflectir, analysar e inventar para augmentar seus recursos. Daqui os aperfeiçoamentos, os descobrimentos que todos os dias vamos vendo em tudo o que pertence ao vasto dominio das artes.

Mas um outro defeito muito commum na nossa especie é que ou seja por vaidade, ou irreflexão, ao mesmo passo que nas cousas exteriores, nos objectos da industria e trafico commercial se avança alem da rotina, nos usos domesticos, na economia usual nos abandonámos ao costume e pratica antigas sem exame e sem desconfiança. Perguntai á maior parte da gente por que faz ou segue certos methodos costumeiros em vez de outros que talvez fossem preferiveis, responder-vos-hão = sempre assim o praticámos. = O objecto deste artigo é fallar d'um destes usos e praticas habituaes, e procurar faze-lo substituir pelo seu correctivo.

#### Forragens.

Os animaes domesticos tem sido condemnados desde tempo immemorial aos alimentos crús, e entretanto experiencias repetidas tem demonstrado a superioridade dos alimentos cosidos e fermentados, tanto pelo que respeita á saúde dos animaes, como á sua nutrição e gordura. Alem do raciocinio que demonstra a menor facilidade da digestão daquelles, e a melhor commutação destes, ahí está a experiencia que todos podem fazer comparando os dois methodos.

Na Inglaterra e na Alemanha, os dois paizes onde mais se calcula e reflecte sobre a economia domestica, se pratica já com immensa vantagem a alimentação, ou cosida ou fermentada, das forragens, maiormente nos animaes destinados para o talho, e para figurarem nas feiras, mercados, e

mesmo para o consumo caseiro. Nas provincias rhenanas sobretudo costumam fermentar toda a sorte de plantas forrageosas que ministram a seus animaes, e dahi provém terem no mercado francez um valor muito superior aos de todas as provincias daquella monarchia.

Com effeito os alimentos que tem experimentado a fermentação são muito mais nutrientes que os crús: os animaes entretidos e alimentados em casa com estes exclusivamente engordam menos ou não engordam nunca. Observa-se isto nos cevados que em quasi todas as casas ruraes, e ainda n'outras das villas e povoações, é costume crearem-se para matar: alimentai-os sómente de generos crús, ainda que sejam batatas que é o comestivel mais nutriente, vereis que se conservam sempre magros: ministrai-lhe estas mesmas batatas cosidas [principalmente a vapor], vereis que promptamente engordam. Nos bois, nos carneiros destinados ao talho voga com pouca differença o mesmo principio. = Essas manadas de grandes e górdos bois, esses rebanhos innumeraveis de carneiros que atravessam nossas fronteiras, e o departamento da Mosela [dizia e escrevia um economista francez em 1839] para virem inundar os mercados e nutrir París, são o resultado do principio da fermentação applicado a todas as substancias alimentarias destinadas a engordar os animaes. = Este uso tem de mais outras vantagens, como são augmentar consideravelmente a quantidade, e aperfeiçoar a qualidade dos estrumes; — admitir uma applicação mais geral de plantas e hervas, que cosidas ou fermentadas são convenientes e nutritivas, ao mesmo tempo que seriam prejudiciaes em crú; — dobrar finalmente a avidéz e o appetite dos animaes conservando-os em bom estado de saúde.

#### Methodo de fermentar as forragens.

Eis-aqui o processo facil praticado pelos creadores do Rheno: apanhado o trevo, ou outra planta destinada ás forragens, o que deve ser na sasão propria, ahí pouco mais ou menos no tempo da floração, cortam-as em porções miúdas e as depõem n'uma cuba ou balseiro collocado n'um lugar de temperatura mediana: quando estes vasos estão cheios de forragens se lhes lança a agua que estas possam conter de modo a encher todos os espaços e vasio intermediarios das plantas: passados dias ver-se-ha augmentar o volume da massa, que ao tocar se achará quente, e cheirada appresenta o fartum de uma cuba em fermentação. É este o momento de tirar as forragens, de as estender um momento e ministra-las aos animaes no curral. Esta alimentação não deve ser exclusiva; antes e da mesma forma que em todas as substancias fermentadas convem ser alternada com o regimen alimentario commum, porque aquelle se tornaria demasiado quente e escandecente. Convem por tanto intermea-lo com a palha e feno que lhe corrige o ardor.

(Continuar-se-ha).

### Biographia.

MANUEL DE ALMEIDA E SOUSA DE LOBÃO.

MANUEL de Almeida e Sousa nasceu na villa de Vouzella, cabeça do antigo concelho de Alafões, em 19 de março de 1745. Seus pais João Rodrigues de Mattos, e Catharina de Almeida Novaes, apressaram-

se em dar ao filho adolescente aquelles cuidados que, com a abastança da sua fazenda, o elevassem a uma estação honrosa e decente. Fôra a Universidade de Coimbra de antigos tempos a mais segura educação a que os filhos dos provincianos se submettiam, se porventura ao fastigio das honras aspiravam subir pelo arduo e pouco trilhado caminho das lettras; assim tendo cursado os estudos preparatorios o moço Almeida e Sousa entrou na Universidade, contando de idade 16 annos, e concluiu a sua formatura na faculdade de Direito Canonico em 1766, antes da celebre reforma do marquez de Pombal. O documento que o habilitára a entrar no curso academico antes do complemento da idade longe está de lhe ser desairoso: o prematuro desinvolvimento das suas faculdades mentaes correspondiam inteiramente ao espirito de quem dictára os Estatutos, e o exemplo e opinião de outras pessoas em identicas circumstancias vem relevar qualquer imputação de fraude.

A consciencia das proprias forças foram poderosos motivos para que o novo letrado não desejasse trocar a bella e independente occupação de advogado pelo laborioso e porventura arriscado emprego de magistrado: Almeida e Sousa não serviu logar algum de lettras. Passado um anno depois que recolhêra de Coimbra partiu para Lobão, aldêa situada duas leguas ao sudoeste de Vizeu, a praticar nas materias forenses sob a direcção de um certo Estanisláo Lopes, advogado da maior reputação naquelles tempos. Alli casou, e se estabeleceu exercendo a sua occupação com grande applauso daquelles que conheciam os seus escriptos de advocacia nos tribunaes do reino, o que bem depressa lhe fez adquirir a boa fama dos seus conhecimentos juridicos, e uma grande concorrência de Partes attrahidas áquelle logar, quando algum difficil e valioso pleito pedia o circumspecto conselho do grande advogado. O nome da residencia adoptada por Almeida e Sousa passou-lhe como se fôra appellido patronymico, de tal modo que todos o diziam «o Lobão» denominação que elle boamente acceitou, e se encontra á testa das suas obras impressas.

Quando os monges de Santa-Cruz de Coimbra disputaram os direitos e jurisdicções sobre o Izento com D. Francisco de Lemos, bispo da mesma cidade, Lobão foi chamado por aquelles para advogar a sua causa. Mas dois annos eram passados em disputas interminaveis, e então o advogado de Santa-Cruz teve de recolher á sua casa por motivos de uma molestia, que o impossibilitou de trabalhar por alguns annos. Com tudo nem os seus impedimentos physicos, nem as immensas procurações que havia das corporações religiosas, e dos particulares, e nem ainda as muitas pessoas que o consultavam, o poderam dissuadir de um aturado estudo da Jurisprudencia Patria, e de dictar e escrever elle mesmo as numerosas obras, que deixou em documento da sua erudição e prodigiosa memoria. Tantas elucubrações juntas á debilidade da sua saude não permittiram que Manuel de Almeida e Sousa tocasse na decrepitude: falleceu em Lobão a 31 de dezembro de 1817, contando quasi 72 annos d'idade.

As suas obras impressas attestam certamente uma grande erudição de jurisprudencia, e pelas numerosas remissões e extractos podem substituir os grossos volumes, que se fariam necessarios a quem por officio tem de consultar os auctores sem porporções para os haver, e talvez carecendo de avultados meios pecuniarios. O seu methodo de escrever é tão ari-

do como o objecto da sciencia que se propozera explicar, e se algumas vezes sobre questões positivas, e as opiniões dos doutores, deixa ao leitor a escolha propria sem se atrever a emittir a sua, devemos assentar que isto fôra uma excellente maneira de elucidar a jurisprudencia, e porventura uma modestia digna de ser imitada por todo o escriptor sincero. As obras de Lobão são um *armazem de Direito*, dizia um famoso advogado dos nossos dias: e elle não era tão destituido de bom gosto que não lhe fossem familiares os escriptos de Montesquieu e Filangieri, como se observa pelas citações. As suas opiniões não serão sempre das mais correctas, mas quem se poderá gabar de possuir as verdadeiras?... Contraria algumas vezes os escriptores contemporaneos como fez ás *Primeiras Linhas* de Pereira e Sousa; e ousou refutar uma grande parte das famosas *Instituições* de Mello Freire; mas não escapou a que outros lhe retribuíssem com usura, como fizera Fernandes Thomaz no opusculo intitulado *Observações sobre os Direitos Dominicães de Lobão*, cujas opiniões obtiveram a preferencia entre os melhores juristas. Quaesquer que sejam os defeitos de Lobão, havemos de assentar que nenhum dos seus antagonistas lhe poderá negar um logar distincto entre os maiores jurisconsultos portuguezes.

Alguns dos seus escriptos foram impressos depois da sua morte taes como appareceram, outros foram concluidos por seu filho Joaquim de Almeida Novaes, auctor do *Indice Geral* das suas obras, e existem ainda alguns manuscriptos consistindo em remissões a doutores sobre objectos, que caducaram com as novas instituições. Terminaremos estes apontamentos biographicos com o catalogo das suas obras.

Tratado Pratico Compendiario de todas as Acções Summarias. — Collecção de Dissertações Varias ao Tratado das Acções Summarias. — Tratado Pratico e Critico de todo o Direito Emphyteutico. — Appendice Diplomatico Historico ao Tratado Pratico de Direito Emphyteutico. — Tratado Pratico das Avaliações e dos Damnos. Partes I e II. — Tratado Historico e Pratico de todos os Direitos relativos ás Casas. — Tratado Pratico Compendiario dos Censos. — Collecção de Dissertações Juridicas e Practicas. — Discurso Juridico, Historico, e Critico sobre os Direitos Dominicães. — Dissertação sobre os Dízimos Ecclesiasticos. — Dissertação sobre as Oblações Pias. — Fasciculo de Dissertações Juridico-Practicas. Partes I, II e III. — Tratado Encyclopedico Pratico e Critico sobre as Execuções que procedem por Sentenças. — Tratado Pratico dos Interdictos e Remedios Possessorios. — Tratado Pratico de Morgados. — Supplemento ao Tratado dos Morgados. — Notas de Uso Pratico e Criticas ás Instituições de Mello Freire. — Collecção de Dissertações Juridico-Practicas em supplemento ás Notas ao Livro III de Mello Freire. — Tratado de Obrigações Reciprocas. — Tratado Pratico Compendiario das Pensões Ecclesiasticas. — Discurso sobre a Reforma dos Foraes. — Tratado Pratico do Processo Executivo Summario. — Dissertação a que se faz remissão no Tratado do Processo Executivo Summario. — Segundas Linhas sobre o Processo Civil de Pereira e Sousa. Partes I e II. — Collecção de Dissertações em supplemento ás Segundas Linhas. — Tratado Pratico e Compendiario das Aguas. — Tratado das Denuncias e mais Procedimentos por causa dos extravios das fazendas subtrahidas aos tributos. —

Existem inéditos os manuscriptos de algumas Notas aos Livros IV e V das Instituições de Mello Freire.

## ANTIGAS CÔRTEES EM PORTUGAL.

É DIREITO que não prescreve, a liberdade. Não tem poder de annulla-lo a oppressão, nem de o ceder e alienar os opprimidos. E os que aspiram a exercê-lo não carecem de justificar-se com a posse antiga. Desta pertença e propriedade moral do genero humano temos rebaixado o valor inestimavel, procurando fundar nossas revindicações em documentos e arestos dos tempos que foram, e das phases sociaes que passaram. Derogámos á preeminencia do nosso dominio, admittindo que era controverso, e démos assim aos usurpadores e aos que buscavam se-lo azo a produzir tambem seus titulos, pedindo-os á historia, e a legitimar com o silencio e a submissão das nações as doutrinas da obediencia passiva.

Com esta nossa e firme opinião quanto escrevermos em resumo abreviadissimo das nossas antigas côrtes, tenham-no puramente em conta de uma narração de factos, e não como empenho de contorcer a historia ou para auctorisar o nosso estado social na actualidade, ou os seus progressos e variações de futuro; que bem escusámos similhante meio de justificar o que somos ou o que houvermos de ser.

Eram os nossos primeiros monarchas reis não só dos homens, mas tambem da terra; e desta não só pelo principio feudal, senão pelo facto da conquista e occupação daquellas partes do territorio ganho aos infieis. N'uma epocha em que pelo imperio das idéas e costumes a terra modelava a condição de todo o homem sujeito a ella, era o senhorio do solo a attribuição mais importante do rei, e a qualidade mais essencial da soberania. N'um estado com similhante organização, tambem a importancia social das classes havia de guardar-se principalmente pela propriedade terrena: e as mais ricas em bens eram as mais influentes. A ordem ecclesiastica primeiro, e depois a casta nobre achavam-se neste caso. Comtudo nenhuma dellas era creação da monarchia: ambas estas entidades preexistiam á ultima e tinham ajudado a funda-la. A ordem ecclesiastica tirava a origem do seu poderio da supremacia sobre todos os poderes terrestres, que para si arrogava a igreja: a ordem nobre, da linhagem e do nascimento. E ainda que, mesmo entre nós, o monarcha fosse, nesses tempos, o suzerano, o senhor, o rei da terra e dos homens, e que pela qualidade de hereditario e os prejuizos prevalentes a realeza fosse tida em conta de direito pessoal, e não de função publica, a auctoridade monarchica, grande e sagrada como era, estava necessariamente limitada e havia de acceitar estas existencias, porque se fundavam nos usos, nos interesses, e nas doutrinas reinantes. A sociedade não reconhecía então homens ou individuos: compunha-se de jerarchias: e quantos se achavam fóra do quadro dessas jerarchias, reputava-os *cousas*, ou rebanhos. O povo, as multidões não tinham significação politica nesse regimen: e segundo se aggregavam a uma ou a outra terra dos differentes senhores e donatarios ecclesiasticos ou seculares, assim eram obrigados aos encargos, ou gozavam os privilegios estabelecidos pelo foral, registo dos costumes, ou código particular dessa mesma terra. O foral dava-o a cada terra o rei, e ás vezes tambem o davam os nobres e os prelados: mas esses com sujeição ao principe. E n'um periodo de população escaça, de pouca industria e quasi nenhum commercio, de guerras contínuas e barbaridade, ins-

trumento civilizador, á parte os defeitos e absurdos fructo inevitavel da epocha, eram os foraes talvez o unico. Mas, por outro lado, como leis particulares e diversificando uns dos outros, separavam de interesses, de costumes, e de sympathias as differentes povoações, e formando dentro do paiz outros tantos paizes inimigos reciprocamente, faziam impossivel a unidade nacional.

Dando os foraes, ou consentindo-os, os nossos reis se a um tempo contribuiam por este modo a que se povoasse, cultivasse e engrandecesse o reino, tambem concorriam para que augmentasse o numero e poder dos donatarios, e por tanto das duas classes superiores do estado, de que estes eram membros. Estas classes tomavam incremento e vigor até da circumstancia accidental das conquistas que se iam fazendo, porque era força que o monarcha repartisse com ellas das terras conquistadas. O clero foi o melhor aquinhoado, e enormemente o foi; como se vê do grande numero d'igrejas e mosteiros que D. Affonso Henriques ou fundou ou dotou mui ricamente. E com o costume, que então era geral, nascido dos preconceitos religiosos, de deixar legados á igreja em todos os testamentos, a opulencia dos ecclesiasticos passou todos os limites, e o seu poder chegou a ser colossal. Alem das terras que possuíam accresciam-lhes os privilegios que então andavam vinculados a ellas, e armava-os o raio dos interditos e excommunhões que vibravam como Jupiter sobre as maiores eminencias ou sobre os mais rasos plainos, sobre o throno e os infimos do povo. Com tanta riqueza e prestigio faziam sombra aos proprios reis, e disputavam-lhes a primazia; e dahi se principiou e moveu a opposição entre a auctoridade real, e a auctoridade desta classe. É a primeira lucta politica que sobresahe na historia da monarchia.

Ainda que muito inferior em prestigio e bens á classe ecclesiastica, a nobreza era-lhe immediata: e ambas, as unicas que então havia, tinham representação social sua propria, e a que lhe vinha das instituições dos godos e do foro de Leão, os quaes se transplantaram em grande parte para os usos e se vieram entroncar no systema organico da nova monarchia portugueza. Segundo essas instituições os prelados e os grandes compunham um conselho em que eram ventilados e resolvidos os principaes negocios do estado, e até assignavam confirmando as doações e escripturas onde os reis estipulavam. Estas prerogativas lhes foram continuadas em Portugal; e moderador directo da immensa auctoridade da corôa eram ellas o unico.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

Combater com as paixões já dista mui pouco de largar-lhes a victoria: o triumpho mais certo é conservarmo-nos em estado de negar-lhes combate.

O pezo e quilates dos crimes e vicios d'um povo póde achar-se fielmente na feitura de seus codigos.

Os moços recalcitram ao conselho dos velhos, assim como o fogo crepita com a agua.

É bem raro accordar-se a rasão com o sentimento.

Gasta tempo bastante em deliberar; não percas nenhum em persistir. — T. A. Craveiro.